

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium tri-  
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

10. 13. 14.



REAL COLLEGIADA DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA EM GUIMARÃES

## A Lourdes!!

A imitação da peregrinação espiritual a Roma, que tão benéficos resultados produziu e está produzindo em todo o mundo, e principalmente em Portugal, annunciara-se uma outra a Lourdes, por carta de Monsenhor Prospero Maria, Bispo de Tarbes, datada de 7 de fevereiro do corrente anno.

Tarde chegou ao nosso conhecimento tal noticia, pois que não a havíamos lido em nenhum jornal e só por uma carta e lista vinda de Tarbes é que o sabemos, mas já quando era passado o primeiro da romaria.

Devotos da Santissima Virgem, e entusiastas por tudo quanto possa dar-lhe gloria, vamos hoje, ainda que tarde, dar conhecimento a nossos leitores da romaria espiritual a Lourdes, para que se não diga que o *Progresso Catholico* deixou de proporcionar a seus leitores occasião de beber na fonte da Igreja uma parte ainda que pequena, da agua das graças que constantemente ella faz jorrar em nosso beneficio. Eis, pois, o programma da romaria espiritual a Nossa Senhora de Lourdes em 25 de março, 16 de julho, 8 de setembro e 8 de dezembro de 1885.

### 1.º ORIGEM

A Virgem Immaculada apparecendo na gruta de Lourdes declarou o — desejo de «ver ali muito povo e que viesse em procissão.»

Esse appello da Mãe de Deus foi ouvido. Ha mais de quarto de seculo vem a Lourdes innumeraveis multidões de todas as regiões da terra, e todos os corações catholicos attrahidos para a Rocha mysteriosa, visitam-na por seus desejos cheios de amor.

Ha dous annos, um grande catholico, cuja humildade nos força a calar seu nome, teve a feliz inspiração de organizar a *Romaria espiritual*, a principio só para a Italia mas depois para o mundo inteiro.

Sua Santidade o Papa Leão XIII abençoou essa obra e enriqueceu-a com indulgencias.

As benções abundantissimas de Deus acompanharão a benção do seu Vigario. A Italia, a França, a Hespanha, a Suissa, os catholicos de diversos paizes correspondarão a esse appello

verdadeiramente divino. Quem poderia contar as fervorosas orações, as santas communhões, as graças infinitas que tem sido o fructo d'estas peregrinações? As esmolas dos *Associados* permitirão tambem começar-se em Nossa Senhora de Lourdes a grande igreja do Rosario e dar activo impulso aos trabalhos.

O Bispo de Tarbes, guarda da Gruta milagrosa, vivamente commovido pelo bem produzido pela *Romaria espiritual*, e alem d'isso solicitado por numerosos catholicos, resolveu renovar e multiplicar essa romaria no anno da graça de 1885. Elle submetteu o projecto a Sua Santidade o Papa Leão XIII impetrandolhe d'abrir ainda os thesouros das indulgencias em favor d'essa obra santa.

O Santo Padre dignou-se de deferir sua petição na audiencia de 24 de janeiro de 1885.

### 2.º FIM

A mãe de Jesus já anteriormente explicava o fim da *Romaria espiritual* quando dizia a Bernadette «Vós rogareis pelos peccadores. Beijareis a terra pelos peccadores.»

Trabalhar para salvar as almas, para procurar o triumpho da Igreja, do Soberano Pontifice e das nações catholicas;

Occupar-se em dar ao mundo que espera sempre, a paz promettida pela proclamação do dogma da Immaculada Conceição;

Unir-se ás innumeraveis preces que sollicitam da Virgem Immaculada da Gruta, a cura dos enfermos, a consolação dos afflictos, todas as graças e soccorros de que tem incessante necessidade a pobre humanidade;

Unir todas as orações do universo catholico á oração da Immaculada Conceição da Gruta para fazer violencia ao Coração de Deus, pela intercessão omnipotente de sua Santissima Mãe.

Tal é o fim da *Romaria espiritual*.

### 3.º AS DATAS

A *Romaria espiritual* terá lugar nas quatro festas seguintes:

1.º Em 25 de Março, festa da Annunciação da Santissima Virgem, anniversario do dia em que Ella disse na Gruta: *Eu sou a Immaculada Conceição*;

2.º em 16 de julho, festa de Nossa Senhora do Monte do Car-

mo, anniversario da 18.ª Apparição;

3.º Em 8 de Setembro, festa da Natividade da SS. Virgem;

4.º Em 8 de dezembro, festa da Immaculada Conceição.

Estas festas serão solemneamente celebradas em Nossa Senhora de Lourdes.

As nações catholicas são convidadas a fazerem-se ali representar por peregrinações ou ao menos por delegações, embaixadas pias juntas da Rainha dos Céos.

### 4.º O FIM

1.º Os *Associados* da *Romaria espiritual* se prepararão a semelhantes festas por uma novena de orações, recitando diariamente, n'uma igreja ou oratorio publico o terço da Santissima Virgem, quer em particular, quer em commum.

Estas novenas se farão publicamente em Nossa Senhora de Lourdes, o terço ali será recitado em coro diante do Santissimo Sacramento exposto;

2.º Os *Associados*, tendo-se confessado em tempo opportuno commungarão no dia das quatro festividades ou n'um dos oito dias seguintes;

3.º Elles darão uma esmola de DEZ CENTIMOS PELO MENOS (40 réis) para a construcção da igreja do Rosario, em Nossa Senhora de Lourdes. Sobre o producto d'esta esmola tirar-se-ha uma offerta para o tumulo do Santo Padre Pio IX.

### 5.º INDULGENCIAS E VANTAGENS

1.º Indulgencia plenaria nos dias das festas indicadas acima ou n'um dos oito dias seguintes:

2.º Indulgencia de 7 annos e 7 quarentenas em cada dia da novena;

3.º Os *Associados* da *Romaria espiritual* e seus parentes vivos e mortos tem parte a uma missa celebrada todos os dias, á perpetuidade, no Sanctuario de Nossa Senhora de Lourdes;

4.º Uma bella estampa da Basilica e da igreja do Rosario de Nossa Senhora de Lourdes será enviada aos que tiverem completado ou feito preencher uma lista d'*Associados*.

### 6.º APPELLO

Nós viremos todos, catholicos do mundo inteiro, a este throno da misericordia, que á Providencia divina, em nossos dias de

provação, aprouve elevar na mysteriosa gruta de Lourdes, onde a Virgem Immaculada nos chama por um doce e poderoso attractivo.

Se a distancia ou as circumstancias não permittirem que venhamos pessoalmente nós viremos ao menos com o coração e com a alma, pelo ardor de nossos desejos e de nossas orações;

Nós ahí estaremos com os doentes curados e os que sofrem, com as almas consoladas e as que gemem, nós viremos agradecer e supplicar Aquella que se mostra a saude dos enfermos, a consoladora dos afflictos, a causa da nossa alegria;

Nós viremos pedir a salvação das almas, o triumpho da Igreja, do Soberano Pontifice e dos povos catholicos, á Virgem Immaculada, Mãe da divina graça, a Mulher victoriosa que esmagará a cabeça da serpente;

Nós daremos nossa esmola para a grande igreja onde a Mãe de Jesus mostrará aos innumeraveis peregrinos o amor de seu Filho, resplandecente nos mysterios do Santo Rosario e os inflamará de seu amor;

E a Virgem Immaculada, unindo todas as nossas orações á sua oração omnipotente, reunindo todos os nossos corações ao seu coração maternal, os deparará no coração de seu Filho Jesus, onde elles acharão a paz nos combates da vida e a alegria no eterno repouso.

Nossa Senhora de Lourdes, 7 de fevereiro de 1885.

✠ PROSPERO MARIA,  
Bispo de Tarbes.

As cartas e mandatos devem ser dirigidos ao R. P.º João Quezada.  
Piciás. Lisboa.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A Sciencia do Incredulo

**T**EM o nome de incredulo aquelle que faz profissão de nada crer em materia de religião, e que a attaca por seus discursos e escriptos. Nada ha peor n'este mundo.

Para um tal homem não ha argumentos, não ha razões, não ha provas, não ha verdades ainda as mais claras e brilhantes, porque nada acredita, ou de tudo duvida.

D'aqui lhe vem o nada temer, e nada o conter nos seus deveres, pois que para similhante homem não ha ceu, não ha inferno, e emfim não ha Deus.

Que estado desgraçado!

Eis aqui um monstro, uma fera arrebatada no impetuoso furor de suas paixões, a que apenas poderá refrear um pouco o temor de penas temporaes, como lobo que só deixa de devorar o rebanho, pelo temor do rafeiro ou do cajado do pastor que o vigia. Que outra peor condição poderá o homem ter na sociedade?

Nada mais triste e lamentavel que essa seita de incredulos que campeiam de philosophos, do numero d'estes modernos que a si mesmos se intitulam illuminados, com o nome geral de *liberaes*, que fazem consistir toda a sua sciencia em dizer mal, em blasphemarem, em injuriarem a religião que não conhecem nem entendem.

A experiencia tem mostrado que com taes philosophos ou chamados sabios não se póde disputar, porque elles não disputam para conhecerem a verdade: fecham a ella teimosa e perlinzmente os olhos, para não verem seus raios. Todo o seu fim é insultarem e pôrem em desprezo a religião e quem a professa.

Quando os chamam ao argumento, á questão, á razão, procuram illudir a força e recorrem a sarcasmos, a dieterios, a chufas, risos sardonicos, facecias e outras puerilidades ridiculas e insultantes, que trazem mui bem estudadas para se evadirem em taes occasiões.

Era o systema dos encyclopedistas e d'essa turba de incredulos do seculo passado, perfeitamente seguido pelos dos nossos dias.

Quando atacam põem em uso historietas infames, por elles inventadas, palavrões óccos e vazios de sentido, para aturdirerem e illudirem a nescios e ignorantes.

Isto não deixa de fazer emmudecer a um verdadeiro philosopho, inimigo de disputas tão ridiculas e indignas.

Nenhuma crença, nenhum symbolo, nenhum credo tem a eschola a que pertence o incredulo. Não forma juizo nem opinião sobre o que ha de mais importante para a vida. Vacilla

eternamente sobre a base dos nossos conhecimentos, sobre o fundamento dos nossos deveres.

O incredulo ignora se temos moralmente obrigações a cumprir e a desempenhar para com Deus, para com o nosso proximo e para com a sociedade em que Deus nos fez nascer. Sobre todos estes pontos, da maxima importancia, cercam-n'o densas trevas, incertezas eternas.

Estas grandes verdades: um Deus, uma Providencia, uma vida futura, o que são para o incredulo? Não passam d'um objecto de disputa e de inuteis investigações.

A primeira verdade é um problema que fica ao arbitrio de cada um admittil-a ou regeital-a, como melhor lhe agradar, sendo sempre o mesmo problema em qualquer das hypotheses, isto é, uma nullidade philosophica.

Na eschola do incredulo a primeira precisão do homem, a luz do seu espirito, o primeiro dos seres por natureza, de que todos os outros derivam a sua existencia, não se liga ao homem como um ente necessario, como nosso principio e ultimo fim.

Viu-se já uma sciencia mais baixa, mais abjecta e desprezivel?

E' uma sciencia em que a existencia do homem, as suas obrigações, os seus deveres, o seu destino, é um enigma indecifrável; em que tem de ficar suspenso entre a existencia de Deus e o atheismo, entre o fatalismo e a providencia.

E' uma sciencia que desconhece o que mais convém á nossa natureza, o que a póde felicitar ou conduzir ao seu verdadeiro fim.

E' uma sciencia que não tem uma verdade que substitua as crenças do genero humano, que não fórma um credo, um symbolo, uma crença qualquer, mas que as destroe todas; que não nos dá uma lei, uma norma ou uma regra, mas nos deixa sem nenhuma.

E' uma sciencia que colloca o homem a par do bruto, e ainda abaixo do bruto.

E' uma sciencia que nada tem que offereça ao homem, nem uma só palavra que lhe sirva de conforto na desgraça, nem uma só que lhe persuada a virtude, nem uma só que o affaste do vi-

cio, nem uma só que o dirija em suas acções.

E' finalmente uma sciencia que não reconhece vicio nem virtude.

Para o incredulo não ha lei, nem elle a reconhece, e, se nos falla algumas vezes d'uma lei, nem elle sabe qual seja, nem se julga obrigado a cumpril-a, ou a tomal-a por fundamento dos seus deveres.

A lei do incredulo é a sua vontade, o seu capricho, o seu arbitrio, a sua paixão.

Elle substitue todos os dogmas, todas as crenças, todas as verdades, todos os principios da moral, por um nada sei de Deus e das minhas relações com Deus, por um nada sei do meu destino e dos meus deveres.

Para o incredulo não está demonstrado se tudo acaba com a vida, ou se existe alguma cousa além do tumulo, ou se deve levantar o pensamento para o céu, ou fixal-o unicamente na terra.

Que sciencia abominavel!

Causa horror semelhante doutrina. Haverá homem mais cego, mais ignorante que um incredulo?

E' uma carencia de toda a fé, uma ausencia de todos os principios, uma negação de Deus, do seu culto e das suas leis; é o orgulho do homem divinizado, ou não reconhecendo outras leis senão as que dictara a si mesmo; é o homem entregue ás suas paixões e á sua louca phantasia; é, n'uma palavra, a sciencia do incredulo, um sorvedouro immenso aonde se abysmam todos os principios e todas as verdades, sem que escape uma só a que se possa ater o espirito humano.

O incredulo é um miseravel cheio de orgulho, de cegueira e demencia, que não crê em mysterios, sendo elle para si mesmo um grande mysterio de que não sabe dar a razão.

Presumindo de muito sabio, é o mais ignorante dos homens. Sem fé, sem nenhuma regra, sem nenhuma convicção, não acreditando em nada, elle vae, de incerteza em incerteza, de abysmo em abysmo, até esbarrar-se no que ha de mais horrivel.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Os principios catholicos perante a razão

#### IV

##### A religião revelada

(Continuado do n.º antecedente)

**D**ISSEMOS precedentemente que as maravilhas da creação, comquanto demonstrem a existencia do divino Creador, não revelam todavia, os seus designios mysteriosos, que são incompreensíveis á intelligencia humana, debil e incapaz de penetrar sem guia no profundo abysmo da sabedoria eterna. Se a razão carecesse de auxilio superior, e se se encontrasse abandonada aos seus recursos, não poderia resolver questão alguma sobre o dogma; porque n'este caso melhor disposta se acha para suscitar as duvidas que para explical-as: só pôde produzir opiniões incertas ou contradictorias: a sua evidencia converte-se d'hoje até amanhã em duvida, e por conseguinte não é possível formar systema algum moral. Offerecem-nos provas evidentes d'este asserto as antigas escholhas philosophicas da Grecia, cujos esforços não lograram ordenar systema algum de commum accitação. As mesmas heresias disputam entre si com furor e obstinação: o protestantismo acha-se dividido em numerosas seitas, sem ter podido harmonisar um symbolo: os racionalistas ousados tem escripto obras em que só encontram negações produzidas pela duvida e vacillação e pelo satânico orgulho da propria sufficiencia. As opiniões mais encontradas, os juizos mais leves, a critica mais infundada, o sarcasmo levantado á altura e dignidade da razão, e a carencia d'um systema que substitua os principios impugnados, é o que apparece nas suas obras scientificas e litterarias, das quaes só podem deduzir-se amargas reflexões sobre o lamentavel desvario em que se precipitam talentos distinctos, quando negam a revelação.

Exagera-se por outra parte, a incapacidade do nosso entendimento para comprehender as provas da religião, e d'aqui deduzem os impios que semelhante incerteza deve quando menos desculpar a duvida sobre questões superiores á intelligencia humana.

Contradição grosseira do cego e apaixonado espirito de increduli-

dade! Quando lhes convem defender a theoria do deismo, exageram as forças do entendimento, ao passo que negam ao mesmo tempo a sua capacidade para comprehender as nossas crenças reveladas! Concedem á intelligencia humana um desenvolvimento extraordinario para uns actos, e para outros negam-lh'o! Que razão é esta que de tal maneira se accomoda aos seus desejos? Similhanes raciocinios provam precisamente a necessidade da revelação, visto como o nosso entendimento não pôde conhecer o culto verdadeiro sem guia que dirija os seus passos incertos, e sem luz que o alumie em investigações tão escuras. Insensato seria o homem que repellisse o ensino dos sabios para aprender as sciencias e as artes; pois não será menos louco e temerario aquelle que pretenda iniciar-se sem auxilio algum na mysteriosa sciencia da religião. Que pôde adiantar o mais claro talento no estudo da chima sem o auctor que lhe revele os seus principios? Deverá o homem abandonar-se á duvida ou á negação, porque a sua escassa intelligencia não comprehende as demonstrações da physica? E se a razão mais clara e perspicaz necessita de auxilios especiaes para adquirir o conhecimento das sciencias, que esforços tão extraordinarios não são indispensaveis para illustrar talentos menos distinctos! Crê-se nas *revelações humanas* da sciencia sobre os descobrimentos admiraveis que frequentemente se publicam; por que se nega outra revelação mais sublime e elevada, que é a regra das nossas crenças religiosas? A razão auctorisa porventura tão absurdo pyrrhonismo? Se a revelação humana é necessaria para o conhecimento das sciencias, não é menos precisa e necessaria a revelação divina para o conhecimento da sciencia que interessa mais de perto aos mortaes.

Enganam-se igualmente os racionalistas exagerando sem medida a capacidade humana, pois a *razão não é outra cousa senão a faculdade de receber instruções: se estas são verdadeiras contribuirão para aperfeiçoal-a, se são falsas, servirão para depraval-a* (1): principio exacto cuja verdade a experiencia sempre demonstrou. Existiram povos illustrados; porém, a seu criterio, depravado por falsas instrucções, accitava como licitos muitos actos repugnantes: só d'este modo pôde

(1) Bergier. Disc., tomo VIII, pag. 163.

compreender-se o lamentavel desvario a que cediam as nobres matronas da antiga Roma, presenciando com suas filhas aquellas festas celebradas em honra de Pan, Saturno e Baccho que divinisavam a injuria (1) e cedendo unicamente á mais equívoca apreciação do bem, muitos oradores, philosophos e litteratos illustres, alguns de moral austera, auctorisaram as festas do barbaro amphitheatro. A vista de semelhantes desvarios do entendimento depravado por falsas instrucções, poderá negar-se a necessidade que tem o homem d'uma revelação que regule a sua moral?

Ainda que o homem pelo seu proprio esforço não pôde descobrir o culto verdadeiro, a religião revelada está ao alcance de todas as intelligencias, porque os preceitos naturaes são essencialmente comprehensíveis. A revelação ensina dogmas que o entendimento admite facilmente; mas reserva altos mysterios com que prova a fê dos mortaes, domando o seu orgulho ao mesmo tempo, e fazendo-lhe comprehender a preeminencia que o Creador exerce sobre a debil creatura. O christão sabe que existem para elle reconditos mysterios, e que lhes deve dar inteiro credito, rendendo a Deus esta homenagem; mas espera confiadamente o dia em que ha de merecer a ventura de comprehendel-os e de receber o premio da sua fê: mas porque os mysterios são incomprehensíveis, deverão negar-se as verdades reveladas? Nega-se a verdade das sciencias naturaes, porque alguns dos seus phenomenos seja vedado á investigadora observação do homem?... Não se faz acreditar ao cego a existencia de corpos que elle nunca viu?... Seria justo abandonal-o á sua ignorancia, porque se acha privado do sentido necessario para a visão dos objectos?

As verdades que nos foram reveladas não limitam o entendimento humano, como dizem os racionalistas, antes o aperfeiçoam: porque guiando Deus a nossa razão pelo caminho verdadeiro, evita o seu descaminho e ensina-nos o recto uso que devemos fazer d'ella. Uma larga experiencia nos mostra que do entendimento sem guia nem auxilio superior, somente nascem duvidas e contradicções nas sciencias

moraes e dogmaticas: é necessario esperar que venha alguém ensinar-nos de que modo havemos de obrar para com os deuses e para com os homens... dizia um philosopho antigo da Grecia (1), e Baile, cuja auctoridade não é suspeita, igualmente escreveu: a razão é boa para fazer conhecer ao homem a sua impotencia e a necessidade que tem d'uma revelação (2).

Ninguém porá em duvida a faculdade que tem o Creador de se manifestar ás suas creaturas racionais, ensinando-lhes o culto que por gratidão lhe devem. É igualmente indubitavel que este culto ha de ser digno de Deus, o qual só pôde accetar as homenagens correspondentes á sua grandeza e perfeição. Distingue-se por estas qualidades a verdadeira e sancta crença revelada em que aprendemos a unidade de Deus, os seus grande attributos, a maravilhosa criação do universo, a immortalidade da alma, e como consequencia da culpa original o mysterio da revelação, e uma vida futura de premios ou de castigos. São estes os principios revelados ao homem primitivo, os quaes um povo fiel conservou religiosamente e que o christão hoje professa. A moral sancta d'esta religião contem-se nos preceitos do decalogo, que foram revelados a nossos primeiros paes: mandamentos observados por seus descendentes escolhidos, que a sancta Igreja catholica apostolica romana cumpre e guarda.

As crenças reveladas não podem variar, porque dimanam da sabedoria eterna, que não se modifica, e como tambem não podem ser inuteis, foi necessario revelal-as á sociedade humana para a sua conservação. Houve um povo fiel a estas tradições, que as conservou até Jesus Christo: tradições de moral purissima que a Igreja catholica cuida de estender por todo o mundo e que cada vez ensina com maior zelo. O christianismo emprega heroico esforço a favor da civilização humana, e generosos martyres deramam seu sangue para levantar o homem da abjecção e degradação em que elle caiu e se submergiu.

A historia ensina-nos que as desgraças e vicissitudes do genero humano foram sempre uma consequencia natural dos seus erros, e é indubitavel que o esquecimento das

crenças reveladas accumulou immensos males sobre os povos desgraçados que as esqueceram. Os homens olvidaram a crença da unidade divina, e destruiu-se por conseguinte o principio que egualava a todos. Abandonando a moral, que não só condemna toda a acção injusta, mas até os proprios desejos criminosos, renunciaram lastimosamente a sua individualidade, vindo o brutal direito da força a usurpar-lhes quantos dons a revelação lhes concedera. Foram victimas do absurdo despotismo quando esqueceram os principios revelados, aos quaes o mundo deve a sua civilização e verdadeiro progresso: porque estas crenças são o melhor penhor da liberdade, privilegio inestimavel do genero humano, que só existe na moral purissima e na admiravel economia da nossa sancta Igreja.

A existencia da revelação é um facto, porque se o não fôra não teria pedido o entendimento humano descobrir os dogmas: é um facto porque Deus concede ao homem os auxilios que lhe são indispensaveis, e sem os quaes a sua felicidade e conservação seriam imperfectas: é um facto, finalmente, para que o seja a justiça superior, que não pôde premiar nem castigar o homem sem lhe ter revelado os seus deveres, pois nenhuma lei obriga quando carece de promulgação. Bem sabemos que o impio, para illudir a força d'este argumento, nega a virtude intrinseca das acções, mas que horrivel perturbação social não attrahiria sobre o mundo semelhante doutrina. Era forçoso n'este caso referir á arbitraria introdução o valor moral das acções, e que a significação do vicio e a virtude dependessem do criterio humano; erro funesto que necessariamente conduz ao atheismo!

(Continúa.)

D. Francisco Xavier Garcia Rodrigu.

(1) Festas chamadas luperaes, saturnaes e bacchanaes. Juvenal critica a corrupção d'aquelles costumes na Satyria 6.ª

*Credo pudicitiam Saturno rege moratum.*

(1) Platão, Alc. II

(2) Dicc. tomo IV.

## SECCÃO HISTORICA

## Para a historia das nossas missões ultramarinas

*(Continuado de paginas 183)***Quadro das missões que convém haver em Timor e do seu pessoal**

Designação das missões	Terras que devem abranger	Missionarios precisos	Escolas ou Collegios
<b>Missão central de Dilli</b>	Dilli, e os reinos vizinhos de Montael, Daclor, Ilera, e Caimauco	Pelo menos quatro	Dois estabelecimentos de educação para ambos os sexos, com escolas primarias elementares e complementares
<b>Missão de Maubara</b>	Maubara, reino Liquiça, » Mahubo, » Boibau, » Ulmera e Piço, jurisdicções de Montael	Um	Uma escola elementar
<b>Missão de Batugadé</b>	Batugadé, (moradores) Balibó, reino Sanir, » Cová, » Cotubaba, »	Pelo menos um: podendo ser, dois	Uma escola elementar
<b>Missão de Ocussi</b>	Ocussi, reino Noimuti, jurisdicção Ambeno, reino	Pelo menos dois: podendo ser, tres	Uma escola para o sexo masculino, e um collegio para o sexo feminino
<b>Missão de Suai</b>	Suai e Camnassa, reino Raimeam, Lamaquitos, reino Cailaco, reino Loimeam, reino	Um	Uma escola elementar
<b>Missão de Allas</b>	Allas, reino Monufohi, » Tuluro, » Bibiçusso, » Dotele, »	Um	Uma escola elementar
<b>Missão de Barique ou Lacluta</b>	Borique, reino Lacluta, ) Dilor, ) reinos unidos Samoro, reino	Um	Uma escola elementar
<b>Missão de Viqueque ou Luca</b>	Viqueque, reino, e as suas jurisdicções Bibiluto, reino Luca, »	Um	Uma escola elementar
<b>Missão de Vessôro</b>	Vessoro, Ossuo, Ossorôa, Babulo, e todas as jurisdicções comprehendidas desde Ilomar a Bibiluto na costa do sul	Um	Uma escola elementar

Designação das missões	Terras que devem abranger	Missionarios precisos	Escolas ou collegios
Missão de Vinilale	Vinilale, reino Bercoli, » Labatere, jurisdição Osquel, » Ossual, »	Um	Uma escola elementar
M'issão de Lautem	Lautem, (moradores) Faturó, reino Sarau, » Loiquere e todas as jurisdic- ções da ponta da ilha	Um	Uma escola elementar
Missão de Baucau	Baucau, Bucoli, Bruma, Tiri- lolo, Fatumacas, Caibada, Seixal, Laga, Laibai Barliu	Um	Uma escola elementar
Missão de Manatuto	Manatuto, reino Laclubar » Lacló, » Laicore » Lalcia » Vesnasse » Cairui »	Pelo menos um: podendo ser, dois	Uma escola elementar

(Nota.—As localidades ou reinos não mencionados n'este quadro devem suppôr-se pertencentes à missão mais proxima).

A simples inspecção do quadro é eloquente.

D'ella se deduz evidentemente a necessidade de elevar o pessoal ecclesiastico de Timor pelo menos a 18 ou 20 missionarios.

E ainda este numero é mui diminuto attendendo a que cada missão abrange 3, 4 e 5 reinos com uma população media de cerca de 20:000 almas (mappa n.º 6).

Sao estes, exc.<sup>ma</sup> snr., os pontos principaes sobre que, no meu humilde parecer, urge providenciar quanto antes, e para os quaes ouso por isso sollicitar a attenção de v. exc.<sup>a</sup> e das auctoridades superiores.

Eu não duvido asseverar que os actuaes missionarios de Timor, de-

sejando como desejam vêr engrandecidas e florescentes estas missões, não se recusarão, sendo preciso e permittindo-lh'o a saude, a consagrar mais alguns annos da sua vida ao serviço d'ellas se o governo de sua magestade houver por bem attender em geral ao que n'esta ligeira memoria acabo de expôr a v. exc.<sup>a</sup> e mui particularmente ao que diz respeito ao augmento do pessoal ecclesiastico em Timor.

Mas tambem não devo occultar que o unico laço que ainda nos prende a estas plagas orientaes é a grata esperanza de que veremos realisada aquella nossa aspiração, tomando o governo, como creio, na devida conta as reclamações que agora faço

Deus guarde a v. exc.<sup>a</sup>

Residencia da missao em Lahane, de março de 1884.

Ill.<sup>mo</sup> e exc.<sup>ma</sup> snr. governador do districto de Timor

Segue-se:

- 1.º Um mappa da escola do sexo feminino na Casa de Beneficencia da missão com 52 educandas internas.
- 2.º Um mappa da escola de Lahane, com 27 alumnos internos.
- 3.º Um mappa da escola de Ocussi, com 36 alumnos.
- 4.º Um mappa da escola de Batugadé, com 15 alumnos.
- 5.º Um mappa da escola de Manatuto, com 20 alumnos.
- 6.º Um mappa estatistico da população de Timor, (na parte portugueza).

(Continua).

P.<sup>a</sup> João Gomes Ferreira.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

Real Collegiada  
de Nossa Senhora da Oliveira  
em Guimarães

**E**RICANDO MUMA do conde D. Hermegildo Menezes, a condessa Dona Muma de-

sejou recolher-se a um mosteiro para viver vida devota e recolhida, e para isso deliberou fundar uma casa para isso apropriada, e como a quinta de *Vimaranes*, pertença de sua filha D. Urraca lhe parecesse collocada em sitio para tal edificação muito a proposito, propoz a troca da mesma quinta pela que possuia em Crei-

xomil, troca que se effectou, dando-se principio ás obras da edificação do mosteiro depois de alcançada licença de el-rei D. Ramiro II, de Leão, sobrinho de Dona Muma.

Este monarcha não só concedeu a licença que sua tia pedira, mas lhe concedeu ainda trinta lugares, os mais d'elles entre os

rios Ave e Vizella, e o mosteiro de S. João da Ponte, o que tudo ficou constituindo a dotação do mosteiro, que mais tarde havia ser elevado á alta dignidade de capella real dos nossos primeiros reis. Esta doação por parte de D. Ramiro foi firmada em 8 de junho de 927, e em 18 de maio de 951 fazia o mesmo monarcha outra doação da quinta de Mellares, junto do Douro, com suas casas áquem e além do rio, doação esta que foi assignada pelo mesmo rei Don Ramiro, pela rainha Dona Urraca, seus filhos Ordonho e Bermudo, e tambem pelos Bispos de Iria, Dume, Leão Vizeu e Lugo.

Concedida a licença principiou Dona Muma as obras do seu mosteiro, o qual dedicou ao Salvador do Mundo, á Virgem Maria, e aos Apostolos, e quando concluido a elle se recolheu e n'elle viveu santamente alguns annos, legando ao mosteiro, por sua morte, muitas propriedades, varias peças de prata de grande valor, quatro sinos, livros e muito gado. Esta doação consta do seu testamento, feito em 959, e que se acha no livro chamado de *Mumadona*, que se guarda no archivo da Collegiada. (1)

O mosteiro era duplex de monges e monjas, da regra de S. Bento, sendo seu primeiro Abbade um religioso do mosteiro de Tolões, e assim se conservou até ao anno de 1089, em que por determinação do Papa foram obrigados os monges a viver em mosteiros separados, ficando sempre com a mesma observancia até ao tempo do Conde D. Henrique de Borgonha.

A fama não tardou a levar a todos os pontos da península hespanica a noticia dos milagres que Santa Maria de Guimarães obrava todos os dias, e d'aqui principiou a affluencia de romeiros, que com suas esmolas foram augmentando o patrimonio do mosteiro, que cada dia se opotentava mais em riquezas e virtudes de seus moradores. E foi n'este estado da sua primeira grandeza e prosperidade que o veio encontrar Alcoraxi, rei, de Sevilla, quando, á testa de numeroso exercito invadiu as provincias de entre Douro e Minho. A entrada inesperada em

Guimarães não dera tempo a seus moradores para por a bom recato os seus haveres, nem aos monges o de guardar em logar seguro as preciosidades que já então possuia o mosteiro. Fugiram todos para dentro do castello de S. Mamede e deixaram á rapacidade dos sarracenos o burgo e o mosteiro, que ficou despido de tudo.

A Providencia, porem, que não abandona os que por Ella trabalham fez que as esmolas corressem para o mosteiro de Santa Maria, e este em pouco tempo se viu em estado prospero. Mas não tardou que outro acontecime se viesse ferir-o com a entrada dentro de seus muros do feroz e aguerrido caudillo mussulmano, Almançor, que á testa de valentes guerreiros assolou as bellas provincias que o Minho e o Douro banham com suas frescas e crystalinas aguas. Foi de novo roubado o mosteiro e o burgo, e a miseria campeou de novo na casa de Deus.

O zelo dos monges, e os milagres da Virgem refizeram ainda a obra de Dona Muma, e o mosteiro começou de novo a receber aos milhares peregrinos de toda a península. Os reis de Leão aqui vieram por varias vezes em devota romaria, e sempre novas doações e regalias eram feitas á Virgem Santa Maria. D. Ordonho, filho de D. Ramiro de Leão aqui veio quando rei, confirmando todas as doações de seu pae e dando ao mosteiro a quinta de Amoreira.

Em 1014 aqui veio el-rei D. Affonso e sua mae Dona Gelorra que confirmou todas as cartas e doações de seus antepassados, e D. Fernando e D. Sancho, primeiros reis de Castella vieram em romaria a Nossa Senhora de Guimarães pelo anno de 1019, e confirmando tudo, deram ao abbade do mosteiro D. Pedro, jurisdicção no civil e crime em todas as terras de S. Torquato e em todas as mais entre os rios Ave e Vizella.

Aqui veio tambem de Landim, onde estava gravemente enferma, Dona Fannula, parenta de Dona Muma, e obtendo por intercessão da Santissima Virgem as melhoras que desejava, entrou n'uma ordem religiosa, fazendo testamento, legando ao mosteiro as suas villas de Conde e Pão, villas que mais tarde foram dadas pelos conegos da

collegiada ás freiras de Villa do Conde, recebendo em troca a egreja de Murça com todas as annexas, que eram treze vigariarias, e que rendiam alguns mil cruzados.

Aqui deixamos em rapidos traços a noticia da fundação do mosteiro de Dona Muma, alicerces sobre que os nossos reis levantaram a real Collegiada, pres-tes a ser despojada de suas riquezas e grandezas, pelos barbaros que ha cincoenta annos se apoderaram do timão da náao do Estado.

O que se ergue á custa da devoção e da piedade de muitas gerações, vai ser derrocado por barbaros de casaca agalooda, e isto no seculo das luzes, no seculo dos mais arrojados progressos do espirito humano, quando por toda a parte se levantam monumentos, quando a arte mais se aprimora, quando a locomotiva arrasta forasteiros a Guimarães! E n'esta epoca de progresso material para esta terra, que em nome da liberdade se mostra aos que a visitam o quasi cadaver da Insigne e real Collegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

(Continúa.)

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Um sonho

Sonhei ha pouco, ó mãe, que me sorrias com esse riso bom e puro e sancto, que faz ainda hoje o meu encanto e é luz da noite immensa dos meus dias.

E sonhei mais, ó mãe, que me dizias n'essa voz que eu outr'ora amava tanto: acaba, filho, acaba com teu pranto, que muito breve ... E os braços me estendia ...

Mas, quando os meus alçava para ti, acordei, minha mãe, e não te vi, e vi que estava só no pobre leito.

E fiquei-me outra vez saudoso e triste ... ! Ah! sonho encantador, porque fugiste ! porque te vi tão breve assim desleito?

1883

E E P.

(1) Quer-no parecer que o cartorio valiosissimo d'esta collegiada fora ha anno empalmado pelo governo.

## Anna Aloisi-Masella

TRADUÇÃO DO ITALIANO

(Continuando de pag. 162)

## VII

**C**OMEÇOU o anno de 1879, que devia ser o ultimo da peregrinação terrestre de Anna; e assim que ella se apresentasse mais pura a receber a corôa da mão de seu Esposo celeste, foi necessario que a sua virtude já tão solida fosse de novo e mais duramente experimentada.

Pouco tempo havia que tivera grande desgosto quando o mais velho dos dous irmãos a deixou para se sujeitar, ainda que por pouco tempo, ás asperezas e aos perigos da vida militar.

Depois o outro irmão, que era o seu predilecto, começou a causar-lhe afflicção mais profunda não seguindo, como devia, os conselhos prudentes e amorosos da piedosa irmã e não fazendo caso das suas advertencias.

A outros membros da familia sobrevieram não poucas nem leves afflicções do que Anna sentia grande dor, costumada como já se viu, a considerar como proprios os males alheios e principalmente os de seus parentes. E ainda que um tal sentimento fosse acompanhado da mais perfeita resignação, entretanto parecia-lhe que assim não era, e isto a levava a pensar que tal não aconteceria se se retirasse para um convento, e renunciasse a todas as outras sollicitudes e affeições, puras sem duvida, mas que ainda assim a impedião, como ella temia, de ser toda do seu Jesus. Por este motivo o seu antigo affecto á vida religiosa fazia-se sentir bastante mais ardente e não podia moderar-o.

E como tinha ouvido fallar muito nas irmãs dos pobres, que são um milagre de caridade, queria que ellas ou as filhas de S. Vicente de Paulo lhe offerecessem um asylo, e pedia o com ardor intensissimo ao seu divino Esposo.

Mas agora figurava-se-lhe que ia embicar com um novo obstaculo por parte da sua idade, visto como andava já perto dos trinta annos; para ao menos a desaffrontar d'este receio, o excellent Auditor da Nunciatura Monsenhor Sebastião Spagnoletti-Zeuli agenciou que a superiora das irmãs da caridade em Roma lhe assegurasse por escripto, que ainda mais adiantada em annos poderia ser admittida n'aquelle santo instituto. Outro impedimento mais forte e quasi insuperavel imaginava ella ainda: a falta de coragem, como ella costumava dizer, para abandonar o seu amado tio. Opprimida por tantos e tão diversos sentimentos a piedosa e afflicta menina, que a todo transe e sobre

todas as cousas queria não só permanecer fiel ao seu Esposo celeste, mas tambem crescer cada vez mais no seu amor, corria a desafogar com Jesus Sacramentado a ancia do seu innocente coração; alli chorava e rezava tanto tempo, que muitas vezes era necessario aconsellar-lhe moderação.

Leiam-se as palavras que Anna, conversando como o seu Esposo divino, como um menino com sua mãe, escreveu justamente n'este tempo na carta, já por vezes citada, dirigida ao *Sagrado Coração de Jesus*.

«Vós vedes (diz ella ao seu amor) quaes e quantas são as minhas cruces. Eu não as posso levar, porque sendo de tantos e tão diversos feitios, nem sequer sei como as hei-de tomar; por qualquer parte que eu procure abraçal-as, ellas sendo tantas e de fôrmas tão differentes caem-me. Ajuda-me vós. Esposo da minha alma. Não quero confiar na amizade dos homens, isso não.»

Com effeito, Anna tinha promettido desabafar só com Deus e com Maria, porque parecia-lhe allivio humano de mais o que achava manifestando as suas afflicções e pessoas amigas, como d'antes fazia.

Uma prova clara o tocante d'esta promessa, que ella cumpriu religiosamente, ficou-nos em dous papeis escriptos por sua mão, que se acharam dentro d'alguns devocionarios. N'um, pelo qual cumpria o obsequio á SS. Virgem marcado para o dia 11 de maio no piedoso exercicio do mez de Maria, Anna, com a sua costumada simplicidade, além de prometter outros actos de virtude, dizia:

«Sofra o que soffrer, a ninguem me tornarei a queixar senão a vós, minha linda mamã.»

Mas muito mais digno de consideração é o outro papel em que Anna mesmo tinha escripto:

«Este devo eu lêr quando estiver afflicta. Viva Jesus e Maria.»

O amor d'aquelle alma tão pura para com Deus, o desejo ardentissimo da vida religiosa, as muitas e variadas tribulações que soffria, e a sua perfeita conformidade com a vontade divina, no meio de tantas penas, tudo lá está indicado com uma candura que enleva, com um affecto que commove e atrahê às cousas celestes.

O papel parece ter sido escripto em differentes occasiões e segundo os affectos que mais commoviam a piedosa e afflicta donzella. Não se procure entre as suas diversas partes uma ligação apparente; tem-n'a todavia; e quem considerar o que ha pouco se disse, achará a justa razão pela qual o que conserve a paz das familias, é seguido immediatamente da consideração sobre os seus proprios defeitos; e ainda me-

lhor comprehenderá o lamento amoroso de Anna a respeito de seu irmão pouco docil.

Depois termina tudo com o mais affectuoso abandono nos braços paternos de Deus.

Grande parte do papel é escripto em francez, porque Anna exercitando-se em traduzir aquella lingua, e lendo a miudo livros devotos no mesmo idioma, fazia, como sempre, com que todas as cousas servissem para a sua propria sanctificação.

Mas eis o escripto:

«Sim, sim, meu Jesus, quero soffrer tudo por vosso amor: vós soffrestes tanto por mim, que eu seria muito ingrata se não soffresse alguma cousa por vosso amor.

Prometto, meu Jesus, reservar sempre para mim as cousas que me desagradarem. Sim, não as direi a pessoa alguma, porque acho um grande allivio em dizel-as, e é por isso que com ninguem quero desabafar senão convosco, meu amor, porque vos amo, e vós tambem amaes esta vossa pobre serva. Eu, meu coração, desejava tanto ser ou irmã da caridade ou irmã dos pobres, mas creio que este meu ardentissimo desejo ficará sempre em desejo, 1.º por minha pouca saúde, e 2.º porque me falta o animo de deixar este bom tio. Mas vós, meu Esposo, fazei-me boa, e eu me darei por contente de vos servir onde vos agradar, ou em casa ou n'um convento.»

O que segue é escripto em francez no original.

«Felizes as familias onde reinam a união e um affecto cordeal: onde cada um é amado por todos, onde todos se alegram ou entristecem com cada um em particular. Caras alegres acolhem sempre aquelle que volta, e o que volta sente-se mais feliz em tornar a entrar no ninho commum do que em procurar n'outras partes as distrações e o prazer.

Ai de mim! Ai de mim! eu sou tão fraca! A's vezes fico aterrada com a vista de todo o mal que o exame da minha consciencia, e as meditações, me fazem descobrir em mim. Em lugar de progressos na virtude, acho culpas, languidez na minha piedade, impaciencia em vez d'aquelle doce mansidão que procuro ha tanto tempo, meu Deus, meu Deus, tendo piedade de mim.

Muito infeliz sou eu! O nosso bom Deus prova-me de todos os modos e eu bem vejo que elle me ama. Meu Deus faça-se a vossa vontade! Eu acho tudo tão triste que já não tenho gosto em nada.

Ah! irmão meu, irmão meu, quanto me fazeis soffrer!

Ah! escreva-se francamente primeiro, que soffro; soffro muito! pois que

Immediatamente ajuntarei: faça-se a vossa vontade ó meu Deus: meu Deus vós me ajudareis não é verdade? Confiança e coragem!»

«Ah! sede-me sempre o amigo consolador, o Pai misericordioso, perto do qual todos os trabalhos se esquecem, e eu repetirei com uma alegria ineffável: *Se o Senhor é por mim, quem será contra mim?*»

«Não dissestes vós ó meu Deus: *Vinde a mim vós todos que soffreis e que estues opprimidos e eu vos alliviarci?*»

Estas palavras, espelho do coração innocente de Anna, bastariam, se necessario fosse, para dissipar uma duvida insana que pessoas inexperientes ousaram manifestar sobre o verdadeiro motivo das afflicções da virtuosissima donzella, como se fossem occasionadas por um amor profano contrariado. Provou-se até á evidencia quanto ella a isso se esqueveu toda a sua vida. Deus tinha-a escolhido para si desde a infancia: e para que nem o simples conhecimento do mal desluzisse o candor da sua alma, dispoz com um privilegio raro que até o ignorasse, apesar dos seus tria annos e de uma vida passada no meio do mundo. Isto viu se claramente muitas vezes, mas em particular quando já no ultimo mez da sua vida, foi Anna toda inquieta perguntar ao tio o que eram alguns peccados, que vinham indicados n'um methodo para exame de consciencia de que ella então se servia, querendo, dizia, afastar se d'elles a todo o custo, como contrarios á virtude que lhe era mais cara.

Não foi difficil ao Prelado desviar a docil sobrinha d'aquelles pensamentos: e se então agradeceu ao Senhor o ter-lhe concedido tantos privilegios, tambem d'alli a pouco, quando se viu privado por prematura morte d'aquella purissima joven, teve que repetir com o sabio, que era tirada ao mundo *ne malitia mutaret intellectum ejus* para que a malicia lhe não pervertesse o coração.

Entretanto, ou porque um tão vivo e incessante combate fizesse reviver as enfermidades de Anna, que até ao fim de 1878 parecia dar-se bem e não mal com o clima de Munich, ou, como outros pensam, ella mesma pedisse ao seu Esposo celeste que a livrasse dos perigos do mundo, começou-se a notar n'ella um grande enfraquecimento de forças nos primeiros mezes de 1879. Ao principio não se fez d'isso grande caso, attribuindo-se ao excessivo rigor da estação. Mas ao approximar-se a primavera, continuando a fraqueza, consultou-se um medico de nome, que receitou o tratamento do ferro, que Anna não pôde tolerar. Tambem se pensou em fazel-a voltar para casa dos

paes por algum tempo: mas ella sempre se oppoz a esse plano, e dando-se por mais forte do que realmente estava, continuou a seguir a sua vida ordinaria notando-se só que fallava da morte e do ceu com mais frequencia, e que uma nuvem de tristeza mais amiudo lhe velava o rosto.

Esta tristeza não lh'a causava por certo o pensamento da morte: causava-lh'a a dor agudissima que já previa em seu affectuoso tio por essa occasião. Procurava portanto occultar-lhe o que soffria, e o presentimento, que, como logo se verá, mais propriamente se poderia chamar conhecimento, do seu fim proximo. Até fez mostras de alegrar-se quando elle lhe annunciou que, tendo que ir a Italia antes do fim do anno, a levaria consigo para ver os paes e respirar por alguns mezes os ares patrios. Porém ella, escrevendo a este respeito a uma das irmãs, deu a entender que duvidava que tal acontecesse. E já n'uma carta que dirigiu a um sacerdote romano pelos fins de fevereiro, tinha escripto que se applicava a empregar o tempo de modo que aproveitasse a sua alma esperando ser cedo chamada ao tribunal divino.

Mas mais claramente o annunciou ao Auditor da Nunciatura, Monsenhor Spagnoletti.

Partia elle no dia 5 de maio para Italia a visitar seus paes e ao despedirse, «Monsenhor», disse Anna, «talvez na sua ausencia, lhe chegue a noticia da minha morte.» Pediu lhe então a caridade de celebrar por alma d'ella o sacrificio divino e de ir algumas vezes rezar sobre o seu tumulo.

Verdade é que Monsenhor veiu achal-a ainda viva quando chegou a Munich no dia 2 de julho: mas como ella falleceu pouco depois, parece que o Senhor assim o ordenasse para que justamente n'aquelles dias não faltassem os soccorros espirituaes do optimo Prelado á joven muribunda e os seus amorosos cuidados ao amargurado tio.

No dia 27 de junho a superiora geral das irmãs de Sion, voltando da visita que fez ás casas da sua congregação no Oriente, passou um dia em Munich: não se pôde explicar quanto ella se alegrou de tornar a ver a sua querida Anna, e quanto esta se consolou com a visita ainda que tão curta da digna religiosa. Se ella se sentiu commovida pela piedade e affecto da cara donzella, se admirou a discreção e pericia com que dirigia os negocios domesticos, pareceu-lhe tambem, como se lê n'uma carta de 11 de julho, ainda viva a menina *que a angelica Anna ja não pertencia á terra, e que estava mudura para o céu.* Contava com as lagrimas nos olhos, ás irmãs de Paris, todas as particularidades que notara, e referiu tambem como Anna ten-

do-a acompanhado á estação do caminho de ferro, no momento da partida, ajoelhou a seus pés dizendo: *Madre minha, concedei-me que reciba pela ultima vez a vossa benção.*

Anna pediu a varias senhoras de Munich que o atestam, que rogassem por ella que estava para morrer, e que visitassem a sua sepultura; e no dia 30 de junho, passeando no jardim inglez, conforme lhe tinham aconselhado, disse á creada que a acompanhava, que era a ultima vez que via aquelles sitios.

Com tantos indicios custa a crer que a piedosa donzella não tivesse recebido algum aviso da sua proxima partida d'este mundo. Foi uma graça bem singular que Jesus concedeu áquella alma tão pura, e foi tambem uma benigna disposição da Providencia, que passassem inadvertidos para o tio de Anna taes indicios, e que nenhuma das pessoas a quem ella annunciava a sua morte, fallasse com elle a esse respeito, ou porque não acreditavam as declarações de Anna, ou porque o Senhor as desmemoriava quando conversavam com o Prelado. Era com effeito necessario que elle se illudisse acerca do estado da querida sobrinha, que reputasse leves as suas doenças, e que até os medicos, ainda que doutissimos, o confirmassem n'este engano. A sua dor, se tivesse dado fê da gravissima perda que ia soffrer podia manifestar-se de modo que difficultasse muito á sobrinha o exercicio das bellas virtudes com que se preparava para a morte, e perturbasse d'algum modo os seus ultimos momentos. E' certo que procurava o mais possivel alliviar as enfermidades de Anna, mas nunca as julgou incuráveis; e quando toda a esperanza o abandonou, já a moribanda tinha perdido o uso dos sentidos e não podia ser testemunha da pena indizivel e das lagrimas incessantes do tio. Verdade seja que assim mais viva e atroz foi a angustia que o salteou como se acordasse de um enganoso somno: mas pelo menos o adormecimento da santa donzella foi tranquillo como o de uma criança: e agora seu tio pôde piamente esperar que pela intercessão da sobrinha perante o celeste Esposo, se lhe leve em conta a sua immensa dor

(Continua).

Maria Domingues de Mendonça (Loulé).

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

**S**OB o titulo de APONTAMENTOS PARA A BIOGRAPHIA DO SR. D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO, ARCEBISPO DE BRAGA E PRIMAZ DAS HESPAÑHAS, recebemos de Coimbra um opusculo em bella edição,

com o retrato do venerando Prelado Bracarense, no qual são apresentados os traços mais salientes da vida do nosso virtuoso Arcebispo.

Muito agradecemos a offerta e fazemos votos que tão interessante escripto se propague abundantemente; pois que não é de mais tudo que se faça por tornar conhecido os Varões dignos, os apóstolos da verdadeira luz.

De Roma foi-nos enviado um primoroso album, 1.º n.º de LA GERARCHIA CATHOLICA ILLUSTRADA, OU L'ALBUM STORICO ELOGRAPHO, POR FRANCISCO DE FEDERICIS, FOTOGRAFO DE S. S. LEONE XIII.

Esta publicação que será feita mensalmente em album de 36 paginas com 36 primorosas photographias representando os cardaes do sacro collegio, os Patriarchas, Arcebispos e Bispos, Nuncios, Delegados apostolicos, altas dignidades ecclesiasticas, geraes das Ordens religiosas, directores dos jornaes catholicos, notabilidades benemeritas do catholicismo e da sciencia, das artes e da humanidade, costumes da corte Pontificia, etc., etc.

A descripção das photographias é escripta em Italiano, Francez, Inglez e Hespanhol.

O preço da assignatura é de 28 liras para os paizes que fazem parte da União geral dos correios.

No escriptorio do «Progresso Catholico» recebem-se desde já assignaturas, onde tambem está patente o primeiro n.º que agradecemos ao editor.

Da alta Italia trouxe-nos o correio, o 1.º e 2.º n.º do interessante periodico L'IRIDE, publicação mensal, religiosa, litteraria, moral e recreativa, em cujo programma se declára inimigo de todas as ideias erroneas, de todos os maus principios.

É em pequeno formato, de 16 paginas e custa 3 liras, (500 rs.).

No primeiro admiramos, traduzida para o formoso idioma de Tasso, uma esplendida poesia, devida ao genio poetico do nosso illustrado collaborador o Exc.º Sr. A. Moreira Bello, publicada no «Progresso Catholico».

Apraz-nos annunciar o apparecimento de mais este campeão de cruz em Italia, onde tantos soldados de Satanaz combatem pelo erro, pelas desgraças da

sociedade, pelo aniquillamento do direito e da verdade.

Salvé, novo companheiro!

O AMIGO DAS FAMILIAS é um pequeno quinzenario que principiou a ver a luz da publicidade em Angra do Heroismo, e de que recebemos o 1.º e 2.º n.º

Na sua frente lê-se: PUBLICAÇÃO QUINZENAL DE PROPAGANDA CATHOLICA, DEDICADA Á VIRGEM IMMACULADA.

É isto o bastante para que nós, saudando o AMIGO DAS FAMILIAS, lhe enviemos um abraço de irmão e demos os parabens á cidade de Angra, por ter mais um escudo para apurar os golpes que os ignaros coriphens da Revolução constantemente dirigem ao Venerando Prelado Acoriano, á Igreja e a todos os catholicos.

Bem vindo seja o novo batalhador e que Deus e a Virgem sob cuja egide vem combater lhe dê gloriosas victorias contra os *athletas* das trevas.

## SECÇÃO NECROLOGICA



Ha pouco nos chegara a dolorosa noticia do passamento do nosso bom amigo e fervoroso catholico o Exc.º Sr. José Augusto Pinto da Cunha Saavedra, da casa do Fojo em Villa Vova de Gaya.

Cavalheiro distincto, entusiasta defensor das verdades catholicas, foi S. Exc.ª assignante do *Progresso Catholico* desde a sua fundação, e por influencia sua obteve esta Revista alguns assignantes, por isso sentimos assaz a sua morte, ainda que nos alegra a lembrança de que na bemaventurança estara aurindo todos os bens com que Deus costumava recompensar os que na terra passavam praticando o bem.

Estava na sua casa de Proveizende do Douro quando a morte o veio roubar aos carinhos da familia, no dia 29 de abril passado, depois de haver recebido todos os sacramentos da Igreja como seu filho dedicado que sempre fôra. A desconsolada esposa do amigo do *Progresso Catholico* a Exc.ª Sr.ª D. Joanna Pinheiro d'Azevedo Leite Pereira, enviamos a expressão sincera do nosso pesar, e associandonos á dor que tanto ferira seu cora-

ção, pedimos ao Senhor lhe conceda a resignação precisa para se conda a resignação precisa para se consolar aos pés da Cruz, balsamo santo em todas as amarguras.

É de joelhos, com todos os leitores da nossa Revista offertamos á alma do fallecido as nossas orações.

†

Outra existencia roubada aos afagos da familia, outro nome riscado d'entre os assignantes do *Progresso Catholico*. O nosso solícito correspondente de Ponte da Barca, o muito Rev.º Sr. P.º Luiz Pereira Barreto, communicam-nos a morte do Exc.º Sr. Dr. Manoel Monteiro Costa Lobo, occorrida no dia 28 de junho passado. Associamo-nos á dor que pungiu o coração do nosso bom amigo ao receber a triste noticia quando ia entregar o brinde aquella prestimoso cavalheiro, e sentimos, tanto como S. Rev.ª o inesperado acontecimento.

O Dr. Manoel Monteiro da Costa Lobo era ainda joven, illustrado e de exemplar vida, que levava em companhia de suas irmãs e de seu cunhado o Exc.º Sr. José Ignacio Rocha Peixoto, familia de sentimentos catholicos, e amiga dedicadissima do nosso bondoso correspondente e amigo, o que quer dizer que tambem o são nossos, e por isso, ás do amigo juntamos nossas lagrimas, para regar com ellas a cruz erguida n'este lugar á memoria do finado.

Que o Senhor das Misericordias haja dado a eterna recompensa á alma do leitor do *Progresso Catholico*, fallecido, e que ella alcance para a familia contristada alivio para tão acre dor. são os nossos votos, votos sinceros, como sinceros são os pesames que enviamos ás Exc.º Sr.ª irmãs do fallecido, e ao Exc.º Sr. Rocha Peixoto.

Mais outra oração junto á campa que se fechou, leitores, que as preces hoje aos nossos irmãos offertadas, nos serão dadas tambem por aquelles que depois de nós na terra ficarem.

†

Foi implacavel a morte cruel com os assignantes do *Progresso Catholico*.

Outra campa aberta, outra cruz erguida, outra existencia roubada. O nosso bom amigo o Sr. José Pinto Costa, estabelecido com relojoaria na rua da Rainha, d'esta cidade, cedendo aos estragos de uma molestia pulmonar, deixou a

vida presente e foi aos pés de Deus prestar contas da sua vida na terra.

Intransigente com tudo que se oppothesse ás suas crenças de catholicq e ás suas ideias politicas, esperava o triumpho da Egreja só depois do triumpho da legitimidade, e suas conversas tendiam sempre para estas duas grandes causas—a Religião, e a politica christã.

Vimos morrer todos os filhos da mesma molestia de que succumbiu, recebendo as benções da Egreja, e indo descançar á sombra da cruz os seus restos mortaes, e voando á celeste morada a alma, para que pedimos as preces de todos os nossos leitores, e enviando á familia os nossos pesares.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**T**IVEMOS o prazer de receber a visita do muito rev.º snr. Abade de Villa Nova de Gaia, João Antonio Iria Carvallhal, dedicadissimo amigo do *Progresso Catholico*, e um dos que mais se tem empenhado pela sua propaganda. Tambem nos honrou com a sua visita o exm.º snr. Domingos Lopes da Silveira Pinto, de Celorico de Basto, e o Rev.º Padre Antonio José Corrêa Ramalho, joven sacerdote de Terras de Bouro, que vem pastorear uma das freguezias d'este concelho.

A todos nossos agradecimentos.

Não desluziu nada da dos mais annos a festa em honra do Santissimo Coração de Jesus havida na egreja de S. Domingos d'esta cidade, encerrando os pios exercicios de todo o mez. No dia 30 houvera missa cantada com o SS. exposto, sendo numerosissimo o numero de pessoas que receberam o pão eucharistico, e de tarde tivera lugar o sermão, feito pelo douto Jesuita o Rev.º Padre Franco Sturzo, que para esse fim aqui chegará no dia 27, pregando tambem nos dias 28 e 29.

Terminára com um solemnisimo *Te-Deum*. A egreja, vastissima como é, esteve sempre cheia de fieis, tanto nos dias dos exercicios como na festa, o que prova que esta pathetica devoção se vae arreigando cada vez mais no coração dos vimaranenses.

Fora pomposa a festa que em Evora se fizera ao SS. Coração de Jesus, na egreja dos Loyos, no dia 12 de junho. Subira de tarde á cadeira da verdade o primeiro luminar do pulpito portuguez, o Exc.º e Rev.º Snr. D. Augusto Eduardo Nunes, Arcebispo de Perga, e futuro prelado Evorense.

Damos os parabens ao nosso respeitavel amigo o Rev.º Snr. Benefi-

ciado Jacintho J. Marques de Rezende, por ver a sua festa tão dignamente abrihantada, e damol-os aos catholicos de Evora, pela felicidade que Deus nosso Senhor lhes dera com a nomeação de um Prelado tão digno, tão zeloso, tão amigo do esplendor do culto catholico.

Tambem em S. Thiago de Bougado se fizera pomposa festa ao SS. Coração de Jesus, no mesmo dia 12, com vespers solemnes, fogo e illuminação á noite, e no dia missa cantada, com exposição do SS. Sacramento e sermão. Apparatoso procissão percorreu aquelles sitios com grande numero de creanças com opas brancas, na frente das quaes se erguia formosos estandartes de seda branca com as seguintes letras bordadas nocentro JHS, as quaes eram coroadas com o coração, symbolo da fé e do amor.

Aos devotos zeladores do Coração de Jesus deve o Bougado estas pompas, que tanto contribuem para a regeneração moral das sociedades.

De novo appareceu o colera na peninsula hespanica, e os governos tomaram as costumadas precauções, que nos devem pôr aherberto dos estragos da terrivel molestia, se ella tiver a delicadeza de pedir licença aos soldados para transpor as fronteiras. Quer-nos parecer, porém, que ella as passará sem licença e por tanto carecemos de lhe oppor outros meios, mais efficazes que os materiaes. Pôde ser o colera acoite com que a Providencia queira castigar-nos e se assim é carecemos de applacar a colera divina com orações. Sim, façamos mais que estender cordões sanitarios e prostemo-nos nos templos diante dos sagrados altares a implorar perdão para nossas culpas, e não sendo isto ainda bastante, saiamos fóra do templo e precorramos as ruas em devota procissão de penitencia, porque se rogarmos com fé, e se juntarmos aos nossos rogos a reforma de vida, seremos livres do terrivel flagello.

Ao templo! ao templo!

Os nossos leitores lembram-se da maneira infamissima como o governo espulsára do convento de Sá em Aveiro a ultima freira? E lembra-se que promettera á pobre religiosa, ao lançal-a na rua, dar-lhe 600\$000 reis annuaes para sua sustentação? Pois leam a seguinte noticia que nos dá o nosso collega de Estarreja, o *Jornal de Estarreja*.

«E' bem sabido, que em virtude da extincção do convento de Sá, de Aveiro, a unica religiosa ali existente teve de retirar-se para a freguezia de Ferrelmelá n'este concelho, onde reside desde o dia 17 de março. O governo tomou posse dos bens do mesmo con-

vento e, como indemnisação, ficou de dar 600\$000 annuaes áquella religiosa, em quanto viver. Assim lhe foi affiançado e quasi com essa condição ella abandonou a casa, em que vivia desde tenra idade, onde professára e onde esperava morrer.

«Não nos cumpre agora dizer se foi justa ou injusta a extincção d'aquella casa religiosa, nem censurar ou elogiar os que são a favor ou contra a conservação de taes institutos.

«O que sabemos é que a sr.ª D. Anna Benedicta de S. Miguel, ultima religiosa que havia n'aquelle extincto convento, para o qual dera o seu dote e mais propinas competentes, ainda até hoje não recebeu quantia alguma do governo, receando assim que dentro em pouco terá de recorrer á caridade publica, se não quizer morrer á fome.

«O assumpto presta se a largos commentrrios. Hoje ficamos por aqui. Appellamos para a imprensa séria, grave e independente, para que diga o que lhe parecer a favor d'aquella infeliz senhora.

E' mais uma gentileza da Revolução n'este malfadado paiz, por ella governado ha mais de meio seculo. E' a continuação da mais atroz espoliação que a Egreja portugueza tem soffrido, espoliação que dura ha cincoenta annos, e que ha de durar enquanto o liberalismo condemnado pela Egreja, dirigir os negocios publicos em Portugal.

Morrerá de fome a ultima freira do convento de Sá em Aveiro, enquanto os magnates do Estado vivem luxuosamente? Não; porque quando a freira, essa reliquia de um passado glorioso, tiver fome, a redacção do *Progresso Catholico* tomará o sacco do mendigo e de porta em porta pedirá o pão para a filha do Senhor, e a nosso lado teremos todos os collegas, que, como nós combatem á sombra da cruz.

Felizes tempos em que só na Falperra e no pinhal de Azambuja era permitida a escamoteação!

Estão de lucto dois assignantes da nossa Revista o Exc.º Snr. Dr. Bento Antonio d'Oliveira Cardoso, pela morte de seu irmão o muito Rev.º Snr. Dr. Antonio d'Oliveira Cardoso, conego da insigne e real collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, e o Rev.º Snr. Rodrigo da Silva Sanches, pelo fallecimen-to de sua Exc.ºª Mãe.

Acompanhando na sua dor os dois amigos a quem devemos relevantes serviços, e a quem enviamos sentidos pesames, pedimos para as almas dos finados as orações de todos os amigos do *Progresso Catholico*.